

Tática, sociabilidade e práticas sociais dos homens negros nas Minas Gerais do século XVIII

Miguel Pacífico Filho¹

Resumo

Objetivamos observar as práticas sociais dos homens negros nas Minas Gerais do século XVIII, Comarca de Vila Rica, caracterizando-as como táticas das quais se utilizaram para a obtenção de benefícios que de acordo com o estatuto da escravidão não lhes seria permitido alcançar. Para visualizar tais práticas delimitamos as fugas como objeto de estudo. Utilizamos como fonte as correspondências oficiais redigidas e recebidas pelos governadores da capitania. A análise destas fontes privilegiou uma abordagem qualitativa demonstrando que as fugas, tradicionalmente compreendidas como ato de enfrentamento radical à sociedade escravista, também pediam a observação constante em busca de circunstâncias que se mostrassem favoráveis. Concluimos que a tática constituía-se em elemento permanente no cotidiano da população negra, permitindo-lhe exercer influência direta na organização da vida que se desenvolveu durante o setecentos mineiro.

Palavras chave: escravidão, resistência, Minas Gerais.

Abstract

We aimed at to observe the black men's social practices in Minas Gerais of the century XVIII, District of Vila Rica, characterizing them as tactics of the which were used for the obtaining of benefits that would not be allowed to reach them in agreement with the statute of the slavery. To visualize such practices we delimited the escapes as study object. We used as source the written official correspondences and received by the governors of the captaincy. The analysis of these sources privileged a qualitative approach demonstrating that the escapes, traditionally understood as act of radical resistance to the slavocrat society, they also asked for the constant observation in search of circumstances that if they showed favorable. We concluded that the tactics was constituted in permanent element in the daily of the black population, allowing to exercise her direct influence in the organization of the life that grew during the seven hundred miner.

Key words: slavery, resistance, Minas Gerais.

No trabalho cujo objetivo é discutir as diversas nuances do escravismo brasileiro, Stuart Schwartz comenta a respeito do regime em questão: “nas Américas, onde quer que a escravidão fosse instituição básica, a resistência dos escravos, o medo de rebeliões de escravos e o problema dos escravos fugitivos atormentava os colonos e os administradores coloniais” (SCHWARTZ, 2001: 219). E, de fato, poderíamos enumerar aqui um sem número

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. Doutor e Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP- Assis) e graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Trabalho desenvolvido com bolsa de doutoramento concedida pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

de obras da historiografia brasileira dedicadas ao assunto das diversas formas de resistência desenvolvidas pelos escravos. Dentre essas inúmeras possibilidades, nos interessam particularmente aqui as fugas. Propusemo-nos verificar os usos feitos pelos escravos de seu ato de tentativa de ruptura com o estatuto social que os regia. Utilizaremos, para definir as fugas de escravos, concepção desenvolvida por Carlos Magno Guimarães:

a fuga constitui o ato que retira do senhor o domínio que este tem sobre o escravo. No ato da compra estabelece-se entre escravo e senhor uma relação de propriedade-proprietário. Este direito de proprietário é que lhe permite dispor da pessoa do escravo e explorar o seu trabalho. Adquirindo o escravo o senhor se apossa de sua pessoa e é a esta posse que estamos nos referindo como sendo o domínio que tem o senhor sobre o escravo (GUIMARÃES, 1988: 25)

Justamente a partir dessa relação de posse é que se configuram os embates vislumbrados entre senhores e escravos ao longo de toda a história da escravidão negra desenvolvida nas Américas. “Há uma contínua guerra entre os escravos fugidos e o poder estabelecido, que os caça”. É o que nos diz Julita Scarano, sobre a região do ouro durante o século XVIII, ao debruçar-se sobre questões envolvendo o cotidiano e a solidariedade entre os homens negros (SCARANO, 2002:118). Essa relação de conflito é o que discutiremos a partir de agora. Como ponto de partida, demonstraremos situações construídas pelos negros através das fugas: assaltos, mortes, ataques a vilas e roças, desordem social.

Qualquer indício que revele a capacidade dos escravos de conquistar espaços ou de ampliá-los segundo seus interesses deve ser valorizado. Mesmo os aspectos mais ocultos (pela ausência de discursos) podem ser apreendidos através das ações. Tantas vezes considerados como simples feixes de músculos, os escravos falam, freqüentemente, através deles. Suas atitudes de vida parecem indicar, em cada momento histórico, o que eles consideravam um direito, uma possibilidade ou uma exorbitância inaceitável (REIS & SILVA, 1989:15).

Buscamos perceber a capacidade de operar nas entrelinhas da norma, na possibilidade da criação de espaços próprios de trânsito dentro da sociedade escravocrata. Em alguns momentos, as práticas se converteram em atitudes de solidariedade no cativo, em atitudes pautadas pela ação de grupos; em outros momentos, as práticas, foram sinônimo de atitude individualizada através da fuga e da recaptura. Nem sempre os ganhos foram permanentes. A luta se fazia constantemente necessária na busca por uma brecha apresentada momentaneamente pela circunstância, formada, em sua totalidade, pelo acaso. Fez-se necessário desenvolver a tática que, segundo Michel de Certeau,

deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo, como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 1994:100)

Cientes dos limites impostos pela dinâmica escravista, sabemos que os ganhos obtidos através da resistência escrava não poderiam ser usufruídos ou acessíveis a todos os cativos, pois, em boa parte das vezes, a resistência se deu de maneira individualizada. Ainda assim, acreditamos ser possível demonstrar que, em um número significativo de ocasiões, membros da população cativa fizeram prevalecer suas atitudes de contestação.

Delimitamos para isso referências como as correspondências oficiais para diferentes regiões e épocas das Minas Gerais do XVIII para as localidades pertencentes às Comarcas de Vila Rica, Rio das Mortes e Rio das Velhas. Dentre essa documentação destacamos os bandos que se constituíam de determinações ou decretos do governador e sua maneira peculiar de publicação. Em diversos casos, funcionavam como um mecanismo de repasse das ordens régias a respeito de determinados assuntos. Possuíam, na maior parte das vezes, caráter circunstancial, para atender às necessidades momentâneas. Sua dinâmica de publicação consistia de sua leitura pelos arruamentos das vilas e arraiais, sempre precedida pelo rufar dos tambores. Posteriormente deveria ter cópias afixadas em locais públicos de maior circulação.

Cabe aqui um parêntese sobre as correspondências e sua utilização como fonte de pesquisa. A expansão marítima trouxe consigo a necessidade de se fazer chegar às partes mais distantes das colônias as determinações régias das medidas de governo. Em contrapartida, os administradores das colônias deveriam constantemente remeter informações dos desdobramentos e execuções das ordens recebidas, bem como manter a Coroa informada sobre os acontecimentos ocorridos nas diversas localidades do Reino. Tornava necessário, constatamos, um contínuo fluxo de informações no sentido metrópole-colônia-metrópole. Além disso, devemos dizer que, no interior das colônias, também uma necessidade de comunicação entre as vilas e arraiais teria instaurado a permanente comunicação entre as diversas localidades, objetivando o controle social em seus mais diversos aspectos: a questão da fiscalização, da cobrança dos impostos, a manutenção da ordem em relação a possíveis

levantes, a normatização do comércio e aquilo que nos interessa diretamente, o controle que deveria ser exercido sobre a população escrava.

A relevância da utilização das correspondências, enquanto fonte de pesquisa, já foi demonstrada por diversos trabalhos e não é nosso objetivo aqui realizar uma discussão a seu respeito. Propusemo-nos, em linhas gerais, expor a viabilidade de utilização de uma de nossas fontes de pesquisa².

A fuga, embora não colocasse o cativo inteiramente à margem das sociedades escravistas, pois este ainda se constituía como propriedade de seus senhores, alterava sua posição social. Deixava de se posicionar como instrumento de sustentação da lógica dominante, passando a ter a necessidade de retirar dela aquilo de que necessitava para sua existência. Essa dinâmica deveria ser sempre executada porque a possibilidade de recaptura os acompanharia permanentemente. Tornava-se necessária, portanto, a ação furtiva, dissimulada. Vejamos o que nos diz o documento:

Senhor. Na carta do Ouvidor Geral das Comarca do Rio das Velhas Bernardo Pereira de Gusmão de que remeto na copia vera Vossa Magestade a noticia que tive das mortes, roubo, e excessos obrados naquella Comarca pellos negros fugidos, sem que lhes servisse de freyo . (APM – SC 004 fl. 742)

Ainda nesse mesmo documento podemos observar a percepção que os contemporâneos tinham dos cativos; percepção que possivelmente se reafirmava a partir dos atos de resistência ao cativo, praticados pelos mesmos. A selvageria dos cativos, ou sua “feroz natureza” com certeza se confirmaria aos olhos dos moradores da Capitania do ouro em decorrência dos roubos e mortes praticados ali. Fala-se da necessidade de ter homens brancos para, como pretende o Ouvidor em relação aos cativos, “doutrinalos, e ensinalos com a sciencia e zelo com que o farão aos homens brancos que se criaram com o Leite da Igreja, o que facilmente se não encontra nos negros pella sua feroz natureza.” (APM – SC 004 fl. 742)

No ano de 1746, em correspondência enviada ao Rei de Portugal, Gomes Freire de Andrade, então governador da Capitania, alerta o soberano para as diversas irregularidades cometidas pelos negros em fuga. Assim relata suas ações em determinada região das Minas:

² Roger Chartier nos disponibilizou diversos estudos acerca da utilização das correspondências como fonte de pesquisa. Tendo encontrado desenvolvimento significativo na França de princípios do século XVIII, tais registros históricos podem nos permitir conhecer dados obtidos a partir da observação de aspectos sociais de determinados períodos históricos realizada por indivíduos posicionados nos mais variados setores sociais, garantindo dessa maneira uma rica e variada gama de informações. CHARTIER, Roger (org.). **La correspondance**: les usages de la letter au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991. Uma referência para as Minas Gerais sobre estudos que tragam como parte de suas fontes as correspondências ver FURTADO, Junia Ferreira. **Homens de negócio**: a interiorização da metrópole e o comércio nas minas setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1999.

Mais há de vinte annos que em distancia da Comarca de São João de ElRey para a parte chamada do Campo Grande, entre a dita Comarca, e a de Goyáz principiou a formár se hum trôço de negros, a que vulgarmente chamão quilombo e há annos se tem aumentádo, e nos passádos foy dando a ver que para conservár se a Comarca era indispensável o castigo na destruição de hum tão prejudiciál inimigo crescendo o quilombo para fazerem damno aos brancos daquella, e outras Comárças, destacávão continuamente partidas de vinte, e trinta negros que executavão roubos, e cruelissimas mórtes; algumas partidas se apanhárão, e posto se lhe fez justiça, não foy bastante remedio, antes se aumentou o numero de negros aquilombádos, e chegou a tanto que segundo os melhores calculos passavão já de mil negros, e grande numero de negras e crias: unido este poder elegerão Rey, e formárão hum palanque assaz fôrte, e determinandosse apparecer o fazem com a insolencia de queimár as vivendas, matarem os Senhores delles, forçárem as familia, e levárem os Escrávos que entendem proprias reclutas: semdo cencivillissimo este damno, e estando já parte da Comarca, não só em consternação, mas precisada e despejar-se, rezolvi castigár esta coleção de bárbaros (APM – SC 45 fl. 64).

Novamente podemos perceber as táticas postas em prática pelos negros em fuga. Algumas informações devem ser destacadas. Mais uma vez mencionados os roubos se repetem enquanto prática adotada pelos fugidos, apresentando-se como mecanismo de busca para subsistência, na medida em os escravos deixam de ocupar o papel que inicialmente lhes foi destinado na sociedade escravocrata. Por isso, a sobrevivência deveria ser obtida por outras vias. A referência, na correspondência, à formação de quilombo também é outra informação relevante. Pode-se perceber, ainda que de maneira bastante resumida, o relato acerca da estruturação e atividades de um ajuntamento de negros em fuga. Menciona-se o fato de o quilombo vir estruturando-se ao longo de duas décadas e tendo-o como referência, grupos entre vinte e trinta negros partiam para executar roubos e mortes ou para “fazerem dano aos brancos daquela e de outras Comarcas”. A tentativa de repressão a tais práticas também pode ser observada, algumas partidas ou grupos de negros como nos sugere o texto foram apanhados e submetidos às normas então vigentes, muito embora um contingente cada vez maior de negros em fuga continuassem a aderir ao ajuntamento.

A estimativa de já possuir o referido grupo aproximadamente mil indivíduos leva o relator a concluir que poderia se estruturar a partir daí uma estrutura significativamente forte, com Rei eleito. Supõe também que essa organização tinha os objetivos de queimar plantações, matar senhores e como forma de garantir a reprodução da referida estrutura levar os escravos ainda em cativeiro a fazer parte do ajuntamento.

O jogo deveria ser permanente. Um rico universo social mostra-se muito claramente no documento trabalhado. A partir de um ato individual, a fuga, buscou-se desenvolver aquilo que chamamos de práticas sociais, ou a socialidade de Maffesoli (2001:35), já que se criava e se trapaceava às margens do que seria o oficial, o dominante. A partir de um ato individual

buscou-se o estar-junto, “partidas de vinte e trinta negros que executavam roubos” demonstram um dos possíveis fins pretendidos com as fugas, a reconstituição do grupo. A atuação furtiva, calculada, persistente assegurava a continuidade da prática, mesmo diante do perigo da recaptura.

Em bando publicado no ano de 1760 pelo então governador interino da Capitania das Minas, há referências para atuação dos negros na Vila do Carmo, atual Mariana, e suas freguesias:

Joze Antonio Freyre de Andrada Cavaleiro Professo na Ordem de Christo Coronel da Cavalaria, e Governador Interino desta Capitania das Minas Geraes. Fasso saber aos que este meu bando virem, ou dele noticia tiverem, que atendendo a me reprezentarem o Doutor Juiz de Fora, da cidade Marianna em carta de 22 do mêz passado, e a Camara da mesma cidade em carta de 28 do dito mêz, da grande consternassam em que viviam os moradores daquelle districto, principalmente os dos arrayaes de Antonio Pereyra, Camargos, Infissiondao, e Catas Altas, cauzada pellos negros do mato, os quaes aviam insultado aqueles moradores com tanto excesso, que atrevidas, e temerariamente os estavam acometendo, e a mulheres brancas, cazadas, e Don/zelas carregando as violentamente para o mato prendendo, e metendo fre/yos na boca de seos maridos, Pais, e Irmaons, e pelas estradas rou/bando, e matando aos viandantes delas, o que servia de um Lastimozo e geral espetaculo, e como nam tem sido bastantes as muitas providencias, que se tem dado a estes assuntos por ordem de Sua Magestade de 12 de Janeiro de 1719, 7 de Março de 1741, 13 de Outubro de 1745, e 6 de Março de 1747, e dezejando eu evitar o justo e igual clamor dos moradores desta Capitania ordeno que sucedendo em qualquer parte dela cometerem os negros do mato a que vulgarmente chamam Clhambollas algú insulto, os Capitaens dos respectivos destritos apenem os moradores dele para que com os Capitaens do mato que Sua Magestade tem determinado ajam em cada uma das freguezias desta Capitania (APM – SC 50 fl. 81)

Mais uma vez, em uma outra região das Minas, podemos observar relatos acerca das práticas dos cativos em fuga. Particularmente quatro arraiais são mencionados: Antonio Pereira, Camargos, Inficcionado e Catas Altas. Em todos eles atuaram negros fugidos. Mortes e roubos são novamente mencionados, caracterizando aquilo que o relator classifica como atitudes dos negros em fuga “os quais haviam insultado aqueles moradores com tanto excesso e temerariamente os estavam acometendo”. As mulheres brancas, casadas e donzelas convertiam-se em alvo para os cativos em fuga e para que suas práticas fossem bem sucedidas os homens que julgavam em condições de combatê-los eram imobilizados “prendendo, e metendo freios na boca de seus maridos, Pais, e Irmãos”.

Por fim, a referência, no documento, à atuação dos fugidos às margens das estradas, principais vias de abastecimento e comunicação na colônia utilizadas para o escoamento da produção de ouro e diamantes no período aqui tratado, é informação que merece ser frisada: “pelas estradas roubando, e matando aos viandantes delas, o que servia de um lastimozo e geral espetáculo”. Dado que nos permite aludir a um estudo a respeito das atividades de

comércio, já que demonstra muito claramente a situação a que estavam expostos os caminhos que conduziam às terras do ouro.

Corroborando nossa sustentação teórica, visualizamos aqui a tentativa de se achar a “brecha” na vigilância, de se construir relações de socialidade, de atuação em grupo, ou seja, a tentativa de jogar com o momento. Estamos diante de perdas e reinícios do jogo, de ganhos momentâneos que permanentemente devem ser conquistados e reconquistados.

Havia um código escrito a ser cumprido, porém nem sempre o que se constatava em suas linhas era o que se observava no cotidiano da gente de cor. Nesse sentido, faz-se necessário detectar como determinadas sociedades não se reduzem a uma rede de vigilância que sobre elas se estenderia, detectar como essas mesmas sociedades jogam com os mecanismos da disciplina, conformando-se a elas com o intuito único de alterá-las, como observa Certeau (1994:41). Com certeza, essa rede de vigilância se estendeu por todo o território mineiro do século XVIII. Para demonstrar tal fato, basta mencionarmos apenas um dos diversos estudos dedicados ao período. Citemos um deles:

reduzir os moradores à obediência, ao sossego, à união era indispensável para que os trabalhos auríferos se fizessem com sucesso, possibilitando à Coroa a auferição de lucros maiores. Não era outro o tom da carta com que o rei louvava o trabalho pacificador de Antonio Albuquerque, e não foi outra, por todo o período, a preocupação básica dos governantes das Minas, sempre atentos ao perigo latente que a população de escravos, índios, forros e mestiços representava para a Coroa – situação característica de um contexto absolutista em que o Estado nada tem de representativo, descolando-se muitas vezes da maioria dos súditos para se investir em defensor dos interesses de uma camada restrita. (SOUZA, 1982:105).

Pequenos e sutis procedimentos no cotidiano dos cativos, práticas sociais, tentativa de reverter ainda que momentaneamente as agruras do cativo. Determinadas percepções da população negra que viveu no setecentos mineiro nos são demonstradas a partir de seus atos. Estudá-los, dirigir-lhes perguntas, pode nos demonstrar que com alguma frequência a população negra de então determinou, também, os rumos da sociedade que lhe considerava menor.

Referências bibliográficas:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger (org.). **La correspondance: les usages de la lettre au XIX siècle.** Paris: Fayard, 1991.

FURTADO, Junia Ferreira. **Homens de negócio: a interiorização da metrópole e o comércio nas minas setecentistas.** São Paulo: Hucitec, 1999.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Uma negação da ordem escravista: quilombos em Minas Gerais no século XVIII.** São Paulo, Ícone, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal (RN): Argos, 2001.

PAIVA, Eduardo França. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII**: as estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo: Annablume, 1995.

_____. **Escravidão e universo cultural na colônia**: Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

REIS, João José e Eduardo Silva (orgs.) **Negociação e Conflito**. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José e Flávio dos Santos Gomes (orgs.) **Liberdade por um fio** - história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RUSSELL- WOOD, A.J.R. A contribuição Acadêmica Norte-Americana à historiografia do Brasil colonial. In: **Varia História**. Belo Horizonte, n.º 22, jan. 2000, p. 7-41.

SCARANO, Julita. **Negro nas terras do ouro**: cotidiano e solidariedade século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SCHWARTZ, Stuart B. Resistance and Accommodation in 18th Century Brazil: the Slaves' View of Slavery. **The Hispanic American Historical Review**, vol. 57, n 1, 1977, pp. 80-101.

_____. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: Edusc, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.